

TE VOY A HACER UN CUENTO

ARIEL SALVADOR ROJA FAGUNDEZ¹; DENISE MARCO BUSSOLETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – arielrfagundez@gmail.com
²Universidade Federal de Pelotas - denisebussolletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente projeto vem sendo desenvolvido junto ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, dentro da linha de pesquisa Cultura escrita, linguagens e aprendizagem, e visa trabalhar com a produção de narrativas ancoradas em memórias particulares a partir de diferentes fontes, escritas ou orais, entrecruzadas com outras formas de registros, representações e expressões, tanto oficiais como culturais e subjetivas sobre a trajetória de um preso político e seus familiares durante o período da ditadura cívico-militar no Uruguai (1973-1985). A exemplo do exposto cito obras de literatura, como as crônicas do exílio de Mario Benedetti, que trata das diferentes percepções entre diversos personagens a respeito das experiências vividas nessa época, em especial no seu livro Primavera através de um espelho partido.

Estimulado pelo desafio proposto por FISCHER (2005), em seu artigo intitulado "Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê", e a partir de uma perspectiva Benjaminiana busco elaborar uma narrativa que me possibilite demarcar através de rastros (compostos por artefatos, cartas, fotografias, relatos pessoais e memórias presentes em minha história de vida), e que me permitam vivenciar a experiência da escrita em um projeto de tese que tem como eixo central o questionamento: Como contar essa história?

Dessa forma tenho por objetivo descrever não somente o que aconteceu, mas também explanar o que se sucedeu e sucede comigo enquanto autor - recordando, (re)visitando, (re)escrevendo e (re)descobrindo -, episódios que ocorreram e estão ocorrendo ao longo do processo de construção dessas narrativas. Viso assim vivenciar a experiência da escrita no sentido proposto por LAROSSA (2015).

Nesse processo desejo constituir a partir do cotidiano de pessoas comuns, a trajetória de uma família e de uma geração, e porque não dizer, de uma nação.

2. METODOLOGIA

A partir de uma perspectiva Benjaminiana, trato de elaborar uma narrativa sobre diversos episódios vivenciados ao longo da minha infância e início da juventude, subsidiadas por fragmentos, como cartas, lembranças pessoais e familiares, que constituem os "rastros e vestígios", compreendidas dentro da categoria *Spuren* assinalada por Walter Benjamin, onde:

[...] a noção de *Spuren* (rastro, vestígio, resto) por meio de campos diversos do saber: filosofia, teoria literária, psicanálise, artes plásticas e fotografia. Neles, como elemento constante, pode ser encontrado um questionamento sobre como interpretar o passado. A categoria rastro (*Spuren*) é muito oportuna para propor esse questionamento. O termo, ambigamente, aponta para uma presença e uma ausência. Aquilo que

resta de um passado, de uma trajetória, pode constituir uma base para tentar compreender o que ocorreu a um indivíduo ou a uma sociedade." (SEDLAYER;GINZBURG: 2012, p.8)

A construção dessa narrativa apóia-se em elementos estéticos tomados da literatura, subsidiada por leituras em Cortázar, Blanchot, Benedetti, Proust, Nabokov, entre outros e assim estabelecer uma outra relação com a escrita acadêmica. Para tanto, também se fez necessário revisitar lugares de minha infância, buscar em arquivos familiares, que me renderam um conjunto de centenas de cartas escritas por meu tio durante sua detenção. Estes documentos ainda não foram analisados e aguardam o momento mais adequado em termos de técnica e metodologia para serem explorado, e que com certeza, darão outros significados a este projeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Júlio Cortázar, em "As babas do diabo" (2009), se questiona por onde iniciar seu conto. No momento em que escreve, simultaneamente delineia o processo que o levou até aquele impulso de pressionar seu teclado e traduzir isso em um bom enredo. Não o faz sem a agonia de quem tenta encontrar o ponto inicial do fio condutor de uma boa história. A ânsia, angústia de narrar, do dever de revelar algo expressando-o da melhor forma, por respeito a algo que merece ser contado.

Para dar inicio a este projeto. Procurei por diversos meios esse ponto de partida. Ambos sabemos (Júlio e eu), que esta é uma tarefa que me foi destinada. Mesmo que outros já tenham dito muito a respeito sobre o que tenho para contar, sempre acredito, (mais por teimosia que por convicção), que posso contribuir com alguma coisa importante que pode ter sido abandonada, ou que passou desapercebida. Então busco nessas pequenas minúcias, entre os resíduos da dura batalha do cotidiano o nó (semelhante ao exato momento em que o fotógrafo do conto de Julio, pressiona o obturador), que permite entrelaçar todos os detalhes.

Venho lhes contar de uma mate, uma cuia de chimarrão, como nos referimos a esse objeto aqui no Sul do Brasil (E de novo cortazeando, digo "aqui" do local que no momento escrevo, no entanto, no transcurso da minha escrita, irei me referir ao "lá", como distância e temporalidade, o "cá" geográfico e pessoal, o leste, oeste, o norte como coordenadas, mas será do Sul que *vendrán los recuerdos*).

Tomei esse artefato como ponto de partida para uma história mais complexa. Busquei estabelecer uma rota, um trajeto compostos de vestígios, que no seu transcurso foram revelando sua aura e *jugaron* com minhas reminiscências.

E como escrever essa história evocada por essa simples cuia? Já inutilizada, mas que é guardada como relíquia por conter em si, muito mais que *recuerdos*. (Eis que surge outro dilema: ao tomar a cuia como um mapa, um leme por onde posso conduzir minhas memórias em seu mar revolto e profundo, o tempo verbal que me remeto pode ser diverso, obrigando a verdadeiro malabarismo lingüístico, não só por reminiscências em espanhol que sugerem serem ditas em seu idioma original, sua entonação e significados).

Decidi ser fiel as vozes que ecoam em minhas lembranças. É preciso ter em conta que cresci no lado de cá, no Brasil e viver em dois idiomas, no entre

idiomas, também é parte do que está denunciado por essa cuia. Ela relata uma das minhas viagens em família de visita ao meu país de origem: o Uruguai. As circunstâncias que levaram esse objeto ser feito e conter em seu entorno a história que descreve, fizeram minha família constituir-se bilíngüe e por isso, meu conto não pode ser de outra forma.

O objeto em questão foi feito por Ruben Heriberto Roja Portes, o detento 38 do Estabelecimento de Reclusão Nº 1 (E.M.R Nº 1), Prisão destinada a presos políticos no Uruguai durante o período da ditadura Civil-Militar de 1973 a 1985, mais conhecido como *Libertad*, por ter sido construído próximo a cidade do mesmo nome conformando uma expressão irônica própria das idiossincrasias uruguaias. Ruben, el Coco, como era carinhosamente chamado, era meu tio. Foi preso por integrar o MLN-Tupamaros. Aos diferentes membros da família Roja couberam diversos destinos após a queda no meu tio. A nós, o auto-exílio.

4. CONCLUSÕES

Decidi elaborar pequenos contos, com base em fragmentos de recordações que tenho de minha infância. O primeiro dos contos se refere a descrição de uma história contida e narrada no entorno de uma cuia de mate. Um objeto feito por um preso político. Um entre os milhares que a ditadura cívico-militar naquele país produziu. Conforme dados do Comitê dos Direitos Humanos da ONU, o Uruguai tinha a mais alta proporção de prisioneiros políticos do mundo. As detenções massivas e prolongadas foram uma das características que diferenciaram aquele regime em comparação aos seus parceiros no continente.

Atualmente, por intermédio de pesquisas que realizei para a elaboração de Tese de Doutorado, decidi empregar outras viagens de retorno ao Uruguai, ao tempo de minha infância e juventude. Percorrer por lembranças, revisitar antigos personagens, vivos e mortos. Re/conhecer lugares e fazer as velhas perguntas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERACOCHEA, Rodolfo Porrini. La sociedad movilizada. In. **Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005)**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.
- BONFANTI, Daniele. Población y territorio: familia, migración y urbanización. In. **Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005)**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.
- CORTÁZAR, Julio. **As babas do diabo**. In: As armas secretas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Escrita acadêmica**: arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, María Isabel Edelweiss (orgs.) Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.117-140.
- GANDUGLIA, Néstor. **Historias mágicas del Uruguay interior**: Saberes y encantamientos en las leyendas populares. Montevideo, Editorial Planeta S.A. 2008.
- GINZBURG, Jaime e SEDLMAYER, Sabrina (Org). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

- GONZÁLEZ, Ana Maria Sosa. **Identidad/es en diáspora, identidad/es en construcción:** Inmigración uruguaya en Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre:PPGH/PUC-RS, 2006, 451f.
- LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** In: LARROSA, Jorge. Tremores: ensaios sobre experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- PHILLIPS-TREBY, Walter y TISCORNIA, Jorge. **Vivir en Libertad.** Montevideo, EBO, 2003.
- NAHUM, Benjamin et al. **História Uruguaya.** Vol. 8, 1958-1973, Montevideo, EBO, 1994.
- RUIZ, Esther. El “Uruguay próspero” y su crisis. 1946-1964. In. **Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005).** Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.
- SAN MARTIN, Magdalena Broquetas. Liberalización económica, dictadura y resistência. 1965-1985. In **Historia del Uruguay en el siglo XX (1890-2005).** Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2008.
- WONSEWER, Israel e TEJA, Ana Maria. **La emigración uruguaya. 1963-1975,** Montevideo, CINVE-EBO, 1985.